

Tricotar, alfinetar, rasgar o verbo

A comunicação verbal para além da metáfora do conduto

Lilian Vieira Ferrari¹

Diogo Ramires Pinheiro²

Resumo: O artigo descreve expressões metafóricas associadas à comunicação verbal no português brasileiro, a partir da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 1999) e da Teoria da Mesclagem (FAUCONNIER & TURNER, 2002). A análise enfoca a metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL, demonstrando que as correspondências metafóricas que a sustentam podem ser motivadas por dois tipos de *construals*: (i) a conceptualização do discurso como tecido; e (ii) a conceptualização do discurso como ação sobre tecido. Argumenta-se, ainda, que redes de integração de escopo único e de escopo duplo desempenham papel fundamental nas correspondências metafóricas analisadas.

Palavras-chaves: Metáfora. Comunicação verbal. Mesclagem conceptual.

Abstract: This paper describes metaphorical expressions for verbal communication in Brazilian Portuguese based on Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 1999) and Blending Theory (FAUCONNIER & TURNER, 2002). The analysis focuses on the metaphor “VERBAL COMMUNICATION IS TEXTILE ACTIVITY”, showing that its metaphorical mappings may be motivated by two types of construal: (i) the conceptualization of discourse as fabric; (ii) the conceptualization of discourse as action on fabric. More importantly, it is argued that single scope and double scope blending networks play a key role in these metaphorical mappings.

Keywords: Metaphor. Verbal communication. Conceptual blending.

Résumé: L'article décrit expressions métaphoriques sur la communication verbale en portugais du Brésil, à partir de la théorie de la métaphore (LAKOFF & JOHNSON, 1980, 1999) et de la théorie de l'intégration conceptuelle (FAUCONNIER & TURNER, 2002). L'analyse se concentre sur la métaphore “COMMUNICATION VERBALE EST ACTIVITÉ TEXTILE”, pour démontrer que les

¹ Depto. de Linguística. Programa de Pós-graduação em Linguística – UFRJ.

² Doutor em Linguística/UFRJ. Prof. Adjunto – Depto. de Linguística/UFRJ. Programa de Pós-graduação em Linguística.

correspondances métaphoriques peuvent être motivés par deux types du *construal*: (i) la conceptualisation du discours comme un tissu; (ii) la conceptualisation du discours comme une action sur le tissu. Il est soutenu aussi que les réseaux d'intégration uniques et bilatérales jouent un rôle central dans ces correspondances métaphoriques.

Mots-clès: Métaphore. Communication verbale. Intégration conceptuelle.

Introdução

O estudo da metáfora remonta às origens da filosofia ocidental, tendo como referência emblemática as reflexões aristotélicas sobre o tema, que priorizam o caráter especial e literário das *figuras de linguagem*. Essa visão prevaleceu até o século XX, quando se começou a delinear uma nova compreensão do fenômeno metafórico, com base na qual o caráter linguístico e meramente estético das expressões metafóricas deixou de ser privilegiado. Essa perspectiva passou a destacar o caráter universal, cotidiano e eminentemente conceptual da metáfora, relacionando-a a processos de pensamento comuns a todos os falantes e disponíveis nas diferentes modalidades de uso linguístico³.

Esse novo olhar ganhou contornos mais nítidos com a publicação, em 1980, do livro *Metaphors we live by*, no qual o linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson apresentam uma descrição detalhada das expressões metafóricas utilizadas cotidianamente pelos falantes do inglês. Os autores reivindicam que antes de constituírem *figuras de linguagem*, as expressões metafóricas analisadas manifestam processos de pensamento que licenciam projeções entre domínios cognitivos. Mais especificamente, o ponto fundamental do processo metafórico é a possibilidade de compreensão de domínios mais abstratos (ex. *tempo*,

³ Para um maior detalhamento dessas propostas, ver Richards (1936) e Black (1965).

valor, afeto, etc.) a partir de domínios experientialmente mais concretos (exs. *espaço, movimento, força, etc.*). Tais projeções podem ser observadas em expressões tais como *férias longas* (*espaço* → *tempo*), *câmbio flutuante* (*movimento* → *valor*), *amizade forte* (*força* → *afeto*), e assim por diante.

Em sua descrição detalhada das metáforas do inglês, Lakoff e Johnson retomam um tipo particular de metáfora, que havia sido pioneiramente identificada por Michael Reddy, em 1979: a Metáfora do Conduto (*Conduit Metaphor*). Trata-se de uma metáfora que permite que o processo de comunicação verbal seja concebido como um evento no qual o falante/redator insere conteúdos mentais (significados, conceitos, pensamentos) em recipientes (palavras, expressões, sentenças), de modo que, no processo de compreensão, caberia ao ouvinte/leitor extrair os conteúdos desses recipientes.

Dentro dessa perspectiva, a linguagem é concebida metaforicamente como um conduto (ou canal) capaz de transmitir conteúdos mentais entre participantes de uma interação conversacional, como evidenciam as expressões *colocar as ideias no papel, passar uma ideia, trocar palavras*, entre outras⁴. Reddy (1979) ressalta que é justamente pelo fato de que a comunicação constitui um processo complexo, invisível e abstrato que a projeção metafórica, a partir de um domínio mais concreto e perceptível como a transferência de objetos físicos através de um conduto, constitui uma estratégia importante na constituição de uma metalinguagem para nos referirmos

⁴ Reddy (1979) chama atenção para o fato de que, na verdade, o que colocamos no papel é grafite ou tinta de caneta, não ideias. Da mesma forma, não há como passar ideias ou emitir palavras ocas. O que fazemos é produzir cadeias sonoras que chegam ao ouvido de nossos interlocutores e são processadas mais detalhadamente no cérebro, de forma bem mais complexa e abstrata do que a metáfora nos leva a crer.

à comunicação humana. Entretanto, em virtude de sua complexidade e grau de abstração, é de se esperar que a comunicação verbal possa ser conceptualizada não apenas a partir da Metáfora do Conduto, mas também a partir de outros processos metafóricos que selecionem outros domínios-fonte como ponto de partida.⁵

O objetivo deste artigo é enfocar outra possibilidade de enquadre metafórico da comunicação verbal, que tem a *atividade têxtil* como domínio-fonte. Dentre os exemplos que apresentam especial produtividade no português brasileiro, incluem-se verbos denominais e expressões verbais idiomáticas, tais como *alfinetar* e *rasgar o verbo*, respectivamente. A proposta do artigo é que expressões desse tipo refletem correspondências projetivas estabelecidas entre elementos do domínio-fonte ATIVIDADE TÊXTIL para o domínio-alvo COMUNICAÇÃO VERBAL. Além disso, levando-se em conta trabalhos recentes sobre espaços mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997, FAUCONNIER; TURNER, 2002, DANCYGIER; SWEETSER, 2014), propomos a ampliação da análise dessas metáforas, sob o argumento de que não se tem apenas projeções entre dois domínios, mas entre quatro domínios estruturados a partir do processo de mesclagem conceptual. Nos termos de Turner (2014), defende-se que a mesclagem fornece *insight global*, permitindo que o pensamento se restrinja à *escala humana*. No caso da metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL, a mescla nos ajuda a acessar, organizar, manipular e ajustar a rede mental na qual se insere, comprimindo os

⁵ Fenômeno semelhante ocorre com a conceptualização metafórica do TEMPO, por exemplo. Embora a metáfora TEMPO É ESPAÇO seja bastante produtiva em português e em várias outras línguas (ex. Ele chegou em cima da hora), encontra-se também a metáforas TEMPO É DINHEIRO (ex. Não vou gastar meu tempo com isso), intimamente relacionada às metáforas TEMPO É UM RECURSO LIMITADO (ex. Não tenho tempo suficiente) e TEMPO É UM BEM VALIOSO (ex. Obrigada pelo tempo dedicado ao projeto).

complexos mecanismos de produção e compreensão envolvidos na comunicação verbal em termos de pensamentos mais facilmente manipuláveis e tratáveis pela mente.

O trabalho está organizado em três seções principais. Na seção 2, são apresentadas propostas cognitivistas sobre metáfora. A seção 3 descreve o processo de integração conceptual ou mesclagem (FAUCONNIER, 1997, FAUCONNIER; TURNER, 2002; TURNER, 2014). Por fim, a seção 4 enfoca a proposta analítica, baseada em dados retirados de contextos reais de uso (Corpus NILC/São Carlos). O argumento desenvolvido é o de que os processos de mesclagem ativados pela metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL envolvem dois tipos de *construals*⁶: (i) a conceptualização do discurso como tecido; e (ii) a conceptualização do discurso como ação sobre tecido. A análise indica, ainda, que as expressões selecionadas ativam não apenas redes de escopo único, normalmente associadas às metáforas, mas também redes mais avançadas, de escopo duplo. Esse último caso evidencia, ainda mais claramente, o papel fundamental da teoria da mesclagem para o tratamento adequado do fenômeno metafórico.

⁶ A noção de *construal* tem sido reconhecida como fundamental para tratar do significado das expressões linguísticas, na medida em que as línguas fornecem vários modos de categorizar as diferentes situações. Como ilustrou Langacker (1991, p.61), a distribuição de um grupo de estrelas pode ser descrita por um falante através de expressões semanticamente distintas: *constelação*, *conjunto de estrelas*, *pontos de luz no céu*, etc. Essas expressões refletem *construals* alternativos da cena; cada um deles compatível com as propriedades objetivas observadas. No que se refere às metáforas, o *construal* envolve o ponto de vista do falante no estabelecimento da correspondência entre domínios, influenciando não apenas a escolha do domínio-fonte como também a seleção de elementos e inferências que serão projetados.

Metáforas da vida cotidiana e metáfora do conduto

A Teoria da Metáfora Conceptual, proposta inicialmente por Lakoff e Johnson (1980), parte da ideia de que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado, de modo que se pode compreender e experienciar um conceito em termos de outro. Assim, a metáfora conceptual é uma projeção unidirecional entre elementos específicos pertencentes a dois domínios conceptuais: o *domínio-fonte* e o *domínio-alvo*. Esse tipo de projeção, por sua vez, reflete-se em expressões metafóricas, de modo que usos linguísticos de formas relacionadas ao domínio-fonte (normalmente, ancorado na experiência sensório-motora mais básica) podem fazer referência ao domínio-alvo (em geral, mais abstrato).

Uma das projeções metafóricas discutida em detalhe antes mesmo da formulação da Teoria da Metáfora Conceptual foi denominada *Metáfora do Conduto* (REDDY 1979). De acordo com essa metáfora, o domínio-fonte envolve a transferência física de objetos de um indivíduo para outro e o domínio-alvo representa o processo de comunicação verbal. Trata-se da metáfora complexa COMUNICAÇÃO É TRANSFERÊNCIA DE OBJETOS, envolvendo as seguintes correspondências projetivas:

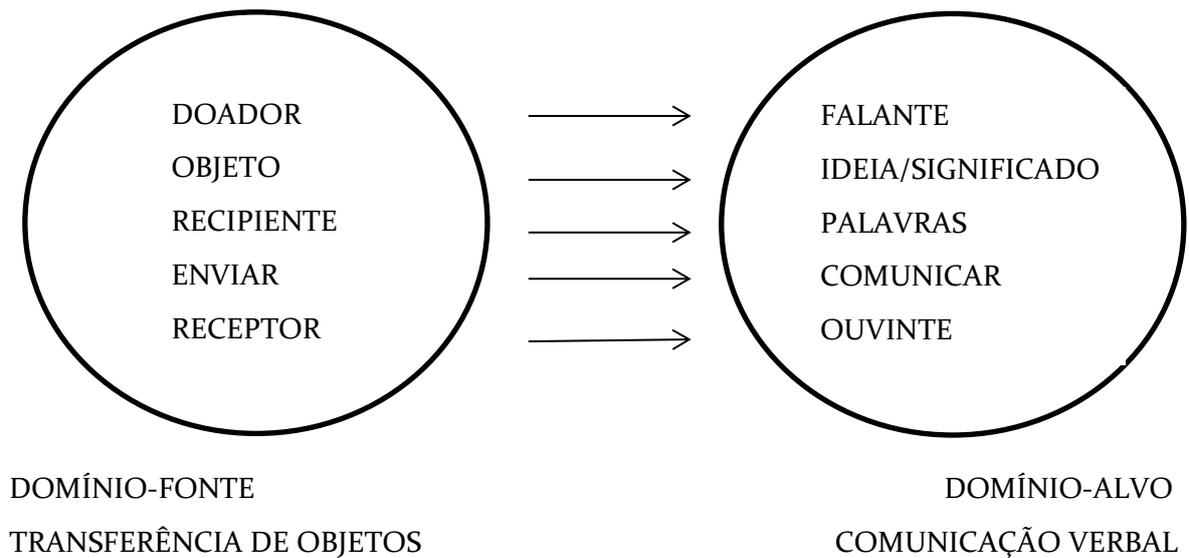


Figura 1 – A metáfora ‘comunicação verbal é transferência de objetos’.

As correspondências apontadas na Figura 1 permitem que a comunicação seja compreendida da seguinte forma: o falante coloca ideias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia para um ouvinte através de um canal (fala ou escrita); o ouvinte, por sua vez, retira as ideias-objetos das palavras-recipientes. Alguns dos exemplos apontados por Reddy para o inglês são:

- (1) *I gave you that idea* (“Eu lhe dei aquela ideia”)
- (2) *It’s difficult to put my ideas into words* (“É difícil colocar minhas ideias em palavras”)
- (3) *It’s hard to get that idea across to him.* (“É difícil passar aquela ideia para ele”)

Embora nem sempre seja fácil reconhecer metáforas nessas sentenças, já que nos acostumamos a pensar sobre a comunicação como troca de objetos/ideias, Reddy (1979) ressaltou que a comunicação é um processo abstrato muito mais complexo, com muitas etapas invisíveis. Na verdade, não podemos dar ideias a ninguém, mas

apenas produzir sinais sonoros (ou escritos) convencionais, cuja compreensão terá que ocorrer na mente de nossos interlocutores, sem que tenhamos acesso direto a esse processo. Assim, o grau de semelhança entre as ideias em nossas mentes e as ideias que serão reconstruídas na mente de nossos ouvintes depende de uma série de fatores, entre os quais se incluem conhecimento linguístico, conhecimento de mundo compartilhado, *background* cultural, etc. Isso significa que a compreensão por parte de nossos ouvintes não decorre diretamente do fato de termos produzido expressões linguísticas a eles endereçadas; nos termos de Fauconnier (1997, p. 1), as expressões que produzimos são apenas ‘a *ponta do iceberg* da construção invisível do significado’.

Além disso, deve-se ter em mente que o processo metafórico descrito na Figura 1 constitui apenas uma das correspondências possíveis entre domínio-fonte e domínio-alvo. Embora a metáfora do conduto seja bastante produtiva em português e várias outras línguas, outros domínios-fonte podem ser recrutados para estruturar o domínio-alvo COMUNICAÇÃO VERBAL. No presente artigo, essa possibilidade será abordada, através da análise de expressões que refletem a metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL no português brasileiro. Antes, porém, enfocaremos o processo de mesclagem conceptual, proposto por Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002), que amplia o poder explicativo da noção de projeção metafórica.

Processos de integração conceptual ou mesclagem

Como vimos, a metáfora envolve a reconceptualização do domínio-alvo em termos do domínio-fonte. Na representação tradicional, destacam-se correspondências entre elementos particulares de cada um desses domínios. Entretanto, não há um domínio específico para representar a estrutura metafórica que emerge dessas correspondências.

Como apontam Dancygier e Sweetser (2014), a Teoria da Mesclagem Conceptual fornece mecanismos formais mais detalhados para que a estrutura metafórica seja descrita. Os domínios fonte e alvo representam *espaços iniciais (inputs)*; o espaço independente que abriga a estrutura compartilhada pelos *inputs* é o *espaço genérico*, e o espaço no qual se estabelece o *construal* metafórico do domínio-alvo é representado caracteriza a *mescla*.

Proposta inicialmente por Fauconnier (1997), e desenvolvida posteriormente por Fauconnier e Turner (1998, 2000, 2002) e Turner (2014), a Teoria da Mesclagem defende que redes de integração conceptual fornecem *insight global*, permitindo-nos pensar em *escala humana* e criar pensamentos manipuláveis e tratáveis pela mente. Dentre os tipos de rede descritos pelos autores, a *rede de escopo único* é aquela que reflete, prototipicamente, metáforas altamente convencionais (FAUCCONNIER e TURNER, 2002: 126). O *input* estruturante, que estabelece o *frame* organizador da mescla, corresponde ao domínio-fonte. Os autores descrevem, ainda, a *rede de escopo duplo*, em que os *frames* organizadores de ambos os *inputs*

fazem contribuições relevantes para a mescla, gerando estruturas emergentes altamente criativas⁷.

Como exemplo da rede de escopo único, os autores discutem a possibilidade de que a competição entre dois executivos, no mundo dos negócios seja enquadrada como luta de boxe, de modo que se digam coisas do tipo “um executivo deu um golpe, mas o outro se recuperou”, “um deles tropeçou, e o outro levou vantagem”, “um deles nocauteou o outro”, etc. Nesse caso, o cenário do boxe fornece um *frame* estruturante que permite compactar o entendimento de um processo mais difuso como a competição nos negócios. No boxe, há apenas dois agentes, próximos espacial e temporalmente, agindo como adversários, enquanto a competição entre executivos pode ser espacialmente difusa e prolongada do ponto de vista temporal.

O *construal* da competição entre executivos como luta de boxe cria uma rede de escopo único, em que se estabelece uma projeção analógica entre o *input* de boxe e o *input* de negócios. A partir dessa projeção, cada boxeador corresponde a um executivo, um soco corresponde ao esforço de um dos executivos, um golpe a uma ação efetiva, e assim por diante. O diagrama, a seguir, adaptado de Fauconnier e Turner (2002, p. 128), ilustra o processo de mesclagem nesse caso:

⁷ Fauconnier & Turner (2002, p. 119-135) apresentam, ainda, a *rede simplex* e a *rede em espelho*. A descrição desses tipos de rede foge ao escopo do presente trabalho, já que as metáforas aqui analisadas organizam-se, principalmente, em termos de redes *de escopo único*. A *rede de escopo duplo* também foi observada, como será apontado na seção “O discurso como ação sobre tecido em rede de duplo escopo”.

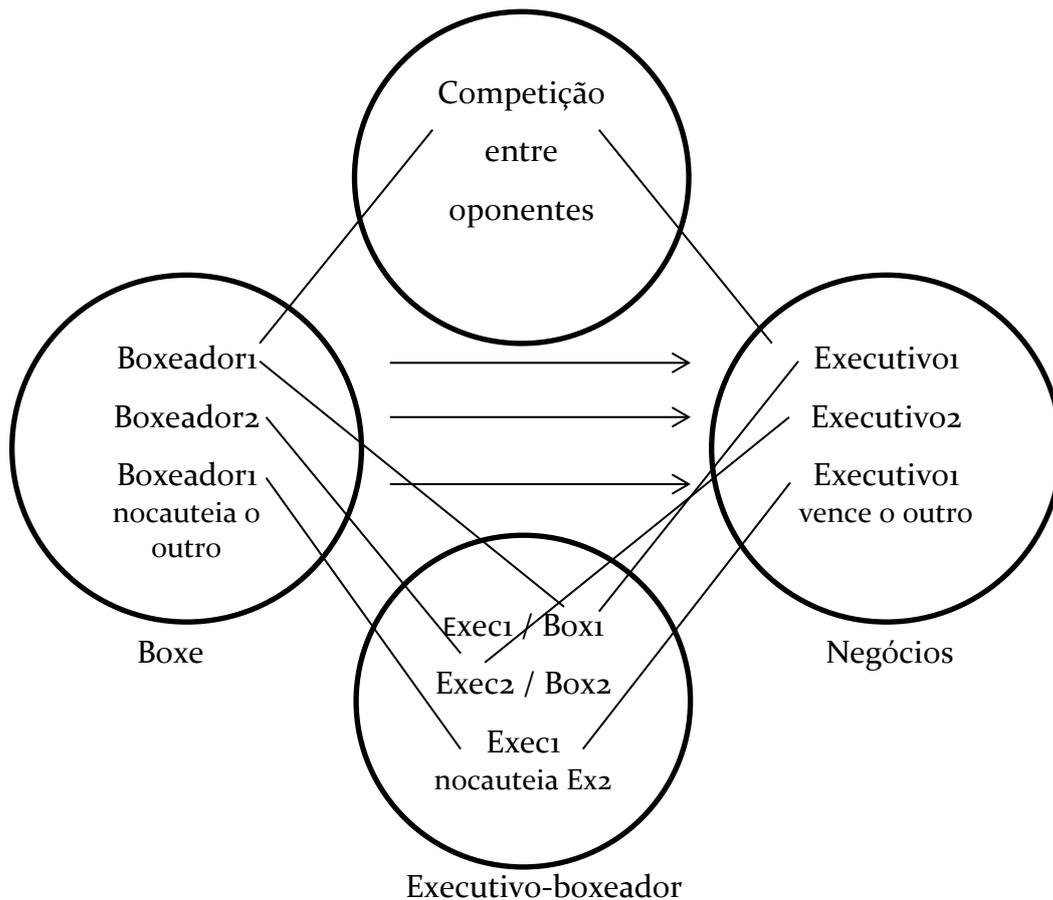


Figura 2 – Rede de escopo único: executivo-boxeador

O tipo de projeção representado na Figura 2 evidencia uma espécie de conflito, já que os *inputs* têm diferentes *frames*. Esse conflito, entretanto, é resolvido através da atribuição do poder de organização global da rede a apenas um dos *inputs*, o *input* estruturante. Assim, apenas o *input* de boxe estrutura a mescla.

Outro caso de rede de escopo único pode ser ilustrado pela sentença “Ele devorou o livro”.⁸ Na rede, as contrapartes de dois espaços – *devorar* e *ler* – são mescladas. No *input* estruturante, o ato de devorar integra uma sequência específica de eventos. Entretanto, o

⁸ O exemplo é adaptado de Fauconnier e Turner (2002, p. 131). Os autores discutem a sentença *He digested the book*, cuja tradução literal seria “Ele digeriu o livro”. A mudança para “Ele devorou o livro” na adaptação do exemplo deve-se ao fato de que o verbo “devorar” é mais idiomático em português nesse contexto.

domínio-alvo (*leitura*), inclui uma série bem mais extensa de eventos discretos – pegar o livro, ler as sentenças individuais, terminar o livro, pensar sobre o que leu, compreender o livro em termos globais, etc. Assim, a projeção do *frame* de devorar para a mescla permite que a extensa série de eventos do domínio-alvo de leitura adquira uma estrutura mais integrada e compacta.

Com relação à *rede de escopo duplo*, Fauconnier e Turner (2002, p. 131-34) discutem a expressão idiomática ‘cavar a própria cova’⁹, que caracteriza um forte conflito entre os *frames* que organizam os *inputs*. À primeira vista, a expressão pode parecer um caso de rede de escopo único, em que o domínio de ‘cavar a cova’ (sepulturas, enterro, etc.) seria projetado para organizar a mescla, que se refere a pessoas que tomam atitudes equivocadas, desavisadamente, e acabam fracassando na vida. Entretanto, os autores ressaltam que, na rede de escopo único, a correspondência interespacial alinha a topologia dos *inputs*, e é essa topologia que aparece na mescla. Mas no caso de ‘cavar a própria cova’, há um conflito entre topologias em termos de causalidade, intencionalidade, sequência temporal, etc. O que se observa é que a estrutura causal da mescla provém do *input* 2 (‘fracasso involuntário’), e não do *input* 1 (‘cavar a cova’). Isso porque ações inadequadas podem causar o fracasso, mas cavar a própria cova não causa a morte. Além disso, a intencionalidade também provém do *input* de ‘fracasso involuntário’; coveiros sempre têm a intenção de cavar a cova, enquanto indivíduos que fracassam nem sempre percebem a conexão entre suas ações e o resultado desfavorável que obtêm. Em suma, a mescla ativada pela expressão ‘cavar a própria cova’ herda a estrutura

⁹ Em inglês, “to dig one’s own grave”

concreta de corpo, cavar, sepultura e enterro do *input* de ‘cavar a cova’, mas herda estrutura causal e intencional do *input* de ‘fracasso involuntário’. A estrutura emergente que surge na mescla sugere que cavar a própria cova é um grave erro que torna a morte/fracasso mais provável (diferentemente do que ocorre no *input* de ‘cavar a cova’).

Análise dos dados

A pesquisa foi desenvolvida a partir de dados do português brasileiro, retirados de contextos reais de uso. Inicialmente, foram selecionadas para análise as seguintes expressões, associadas à metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL¹⁰:

Expressões metafóricas	Significado aproximado
Alinhar proposta	Redigir sob a forma de rascunho ou conversar de forma preliminar.
Costurar acordo	Redigir passo-a-passo, muitas vezes de forma coletiva; conversar várias vezes e/ou com vários interlocutores.
Tecer comentário	Comentar sobre um tema específico e/ou de forma breve.
Alfinetar algo ou alguém	Criticar algo ou alguém
Tesourar algo ou alguém	Criticar algo ou alguém, fofocar Cortar alguém da conversa
Cortar a palavra	Interromper o turno de fala de alguém.
Rasgar o verbo	Reclamar, exprimir raiva em relação a algo ou alguém, intimidar

Figura 3 – Expressões associadas à metáfora ‘comunicação verbal é atividade têxtil’

¹⁰ As expressões listadas no quadro apresentam graus variados de idiomaticidade. Por exemplo, *alinhar uma proposta*, *costurar um acordo* e *tecer um comentário* instanciam o esquema genérico [V + SN], em que se tem um verbo que ativa o *frame* de ‘costurar’ e um objeto direto referente a produções linguísticas específicas. Exemplos com outros tipos de produções linguísticas também podem ser instanciados (ex. *alinhar um acordo*, *costurar um texto*, *tecer uma crítica*). Já as expressões *rasgar o verbo* e *cortar a palavra* são mais cristalizadas, e não admitem outras instanciações (**rasgar a palavra*, **cortar o verbo*). O detalhamento dessas diferenças, entretanto, foge ao escopo do presente trabalho.

A busca das expressões metafóricas selecionadas foi realizada a partir de banco de dados disponibilizado pela *Linguateca*¹¹, que constitui um centro de recursos para o processamento computacional da língua portuguesa. Mais especificamente, utilizou-se o Corpus NILC/São Carlos¹², contendo dados do português brasileiro, majoritariamente textos jornalísticos e, em menor escala, cartas comerciais e textos didáticos. Para os casos em que a expressão metafórica não ocorreu no Corpus NILC/São Carlos, optou-se pela ferramenta de busca Google. Combinando dados de ambas as fontes, foi possível evidenciar a ocorrência de todas as expressões selecionadas em contextos reais de uso.

A partir daí, procedeu-se à análise qualitativa dos dados, em que se buscou caracterizar os processos de integração conceptual envolvidos na construção do significado das expressões. A análise evidenciou que os processos de mesclagem ativados pela metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL podem envolver dois tipos de *construals*, a saber: (i) a conceptualização do discurso como tecido; e (ii) a conceptualização do discurso como ação sobre tecido. Nas seções a seguir, as especificidades de cada um desses casos serão analisadas.

¹¹ <http://www.linguateca.pt>

¹² <http://www.linguateca.pt/cetenfolha/>

A conceptualização do discurso como tecido

No âmbito da metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL, há expressões que evidenciam a conceptualização do discurso como um tecido, que pode ser submetido a um processo construtivo, sendo alinhavado, costurado ou mesmo fabricado. Vejamos alguns exemplos:

(4) Para *alinhavar a proposta*, a produção chamou Fernando Morais «por ser ele uma importante testemunha dos fatos», resume. (par=8083: NILC/São Carlos)

(5) O governo tenta agora *costurar acordo* com as empresas, de modo a evitar que o real, a nova moeda que deve ser criada em junho, seja contaminada pela inflação. (par=Brasil--94b-1: NILC/São Carlos)

(6) Alguns amigos e colegas tiveram a bondade de ler e *tecer comentários* críticos a um ou mais dos rascunhos deste livro (par=44556: NILC/São Carlos)

Nas expressões em itálico nos exemplos, o discurso é tratado como um tecido, submetido a diferentes tipos de ações construtivas. Em *alinhavar a proposta*, os elementos *agente*, *alinhavar*, *tecido*, no *input 1*, correspondem, respectivamente, a *falante*, *produção verbal*, *proposta*, no *input 2*. A mescla herda o *frame* correspondente ao *input 1*, sustentando a ideia de produção de uma primeira versão de uma proposta. Já em *costurar um acordo*, troca-se *alinhavar* por *costurar* no *input 1*, mantendo-se *falante*, *produção verbal*, *acordo*, no *input 2*; a estrutura emergente na mescla é a elaboração mais detalhada do acordo.

Nas construções com o verbo *tecer*, a mescla herda estrutura do *input* de tecelagem, de modo que o falante/tecelão entrelaça metodicamente as palavras/fios no processo de construção da discurso/produto têxtil. O produto pode ser um comentário, mas também um texto ou uma narrativa, como ilustram os exemplos a seguir:

(7) Vale ainda *tecer um comentário* acerca da comissão permanente criada na Constituição e que zelará pelo funcionamento das instituições durante os períodos de recesso do Congresso Nacional. (*par=54121*: NILC/São Carlos).

(8) *Tecer um texto* para colmatar um vazio (*par=62107*: NILC/São Carlos)

(9) Os antigos gregos *teceram um sem números de histórias* em torno de uma família «maldita», a dos Atridas (*par=Mais--94b-2*: NILC/São Carlos)

Os exemplos ilustram diferentes produtos discursivos associados ao verbo *tecer*. Em todos esses casos, esses produtos correspondem a uma sequência linguística conceptualizada como produto têxtil. O diagrama abaixo ilustra o exemplo (7)¹³:

¹³ A representação dos exemplos (8) e (9) seria similar, com modificação apenas do tipo de produto linguístico que aparecerá na mescla.

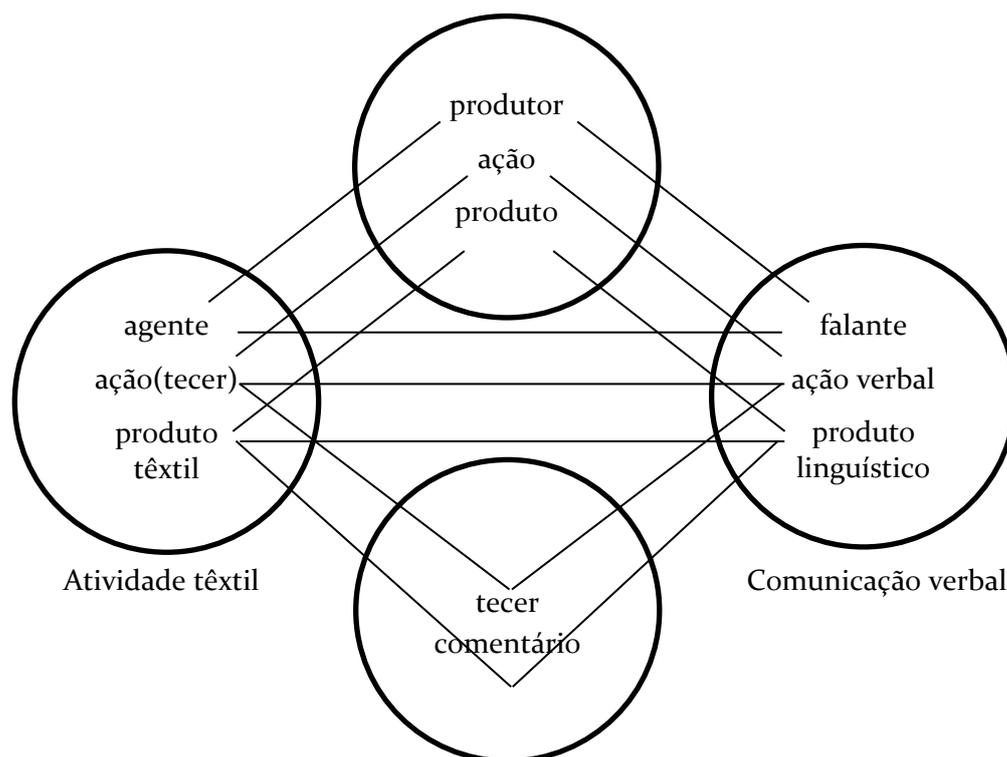


Figura 4 – Mesclagem referente à expressão ‘tecer um comentário’.

Outra possibilidade de conceptualização da produção discursiva como produto têxtil envolve construções com o verbo *tricotar*, que costuma aparecer em usos do seguinte tipo:

- (10) Ia aos locais mais remotos e tentava ganhar a simpatia popular e *tricotar acordos políticos* (par=Brasil--94b-1).
- (11) Desde que começou a *tricotar sua futura equipe de governo*, o novo presidente vem revelando uma característica que o aproxima do estilo de Juscelino (par=Opinião--94a-1)

Vale notar que a construção de sentido referente aos exemplos (10) e (11) parece admitir dupla possibilidade de interpretação. Por um lado, as construções com *tricotar* podem estruturar metaforicamente o domínio da interação verbal, nos moldes representados na Figura 3. No *input 1*, o ato de *tricotar*, envolve um *agente*, a *ação de tricotar* e produtos específicos (*gorro, manta, etc.*); a partir daí, é estabelecida uma correspondência com os elementos *falante, ação verbal* e *produto*

linguístico, no *input 2*, referente ao domínio da comunicação verbal. Tal como nas expressões metafóricas com ‘tecer’ o *frame* relativo ao *input 1* estrutura a mescla. Desse modo, as ações difusas de estabelecer acordos políticos (ex.10) ou selecionar a futura equipe de governo (ex.11) são reenquadradas, na mescla, como atividade integrada, com contornos bem definidos.

Por outro lado, pode-se supor que os exemplos (10) e (11) envolvem um processo metonímico, visto que o ato de tricotar, em determinados contextos socioculturais, costuma ocorrer acompanhado de uma conversa entre pessoas que realizam conjuntamente a atividade. Nesse caso, a função pragmática {TRICOTAR}→{CONVERSAR}¹⁴ permite que a menção a *tricotar* faça referência ao ato de *conversar*.¹⁵

A conceptualização do discurso como ação sobre tecido

Diferentemente do que se verificou nos exemplos da seção anterior, o discurso, ao invés de ser concebido como tecido, pode ser conceptualizado como *ação realizada sobre tecido*. Como os

¹⁴ No estabelecimento da teoria dos espaços mentais, Fauconnier (1994, 1997) retoma a noção de *função pragmática*, proposta por Nunberg (1978, 1979), para o tratamento da referência. De acordo com essa noção, se dois objetos de naturezas diferentes puderem ser relacionados por razões psicológicas, culturais ou localmente pragmáticas, o falante poderá se referir ao objeto ‘a’ para identificar o objeto ‘b’. Por exemplo, podemos nos referir a Salvador Dalí para identificar uma obra do artista (*Aquele Salvador Dalí é maravilhoso*).

¹⁵ Embora não tenham sido encontrados exemplos de *tricotar* com o sentido mais específico de *focar no corpus NILC/São Carlos*, esse uso também ocorre no português brasileiro, como ilustra o seguinte exemplo encontrado através do Google: “A mulherada está com a língua afiada no Big Brother Brasil 14. Ontem, sisters ficaram tricotando sobre o ator Cauã Reymond.” (<http://www.agenciaodia.ig.com.br/cultura-e-variedades/2014-02-04/Mulherada-tricotando-0502Sisters-soltam-a-lingua-contra-o-ator-Cau-Reymond-no-Big-Brother-BrasilREALITY-SHOW-DA-GLOBO-A-mu-1037742>)

instrumentos utilizados nesse tipo de ação incluem tesoura, alfinete, agulha e linha, esses nomes podem servir de base para a formação de verbos denominais.

Para a conceptualização do discurso como ação sobre o tecido, o verbo *alfinetar* é particularmente produtivo, como ilustram os exemplos a seguir:

(12) Só no Rio, que é muito ligado a modismos, isso não acontece», *alfineta* Leno . (par=9195: NILC/São Carlos).

(13) Mas elas se separaram para ver se conseguiam resultados melhores com outras parceiras e, quando voltaram, perderam a harmonia», *alfinetou* Jacqueline, referindo-se à dupla Reno / McPeak, que ontem perdeu a decisão do terceiro lugar da etapa para as brasileiras Adriana Behar e Shelda, por 15 a 2 . (par=28129: NILC/São Carlos).

Nos exemplos (12) e (13), elementos do domínio-fonte referente à *atividade de costura* são projetados para o domínio abstrato referente à *comunicação verbal*, de modo que a ação de colocar alfinetes e o tecido, no *input 1*, correspondem à ação de falar e ao objeto da crítica, respectivamente, no *input 2*. É interessante notar que enquanto no *input 1*, a ação de alfinetar é prevista na atividade de costura (e não causa dor ao tecido alfinetado), no *input 2*, a ação de falar (e mesmo de falar mal) não produz efeitos físicos visíveis em relação ao assunto abordado; a mescla, ao herdar o frame do *input 1*, produz como estrutura emergente a reconceptualização da ação de falar (mal) como atividade que afeta, ainda que levemente, o objeto da crítica. Assim, subentende-se que o falante não apenas comenta o comportamento dos cariocas em relação a modismos, em (12), ou o desempenho de uma

determinada dupla de vôlei, em (13), mas faz um comentário que se caracteriza como uma crítica.

O processo de mesclagem ativado pelos exemplos (12) e (13) pode ser assim representado:

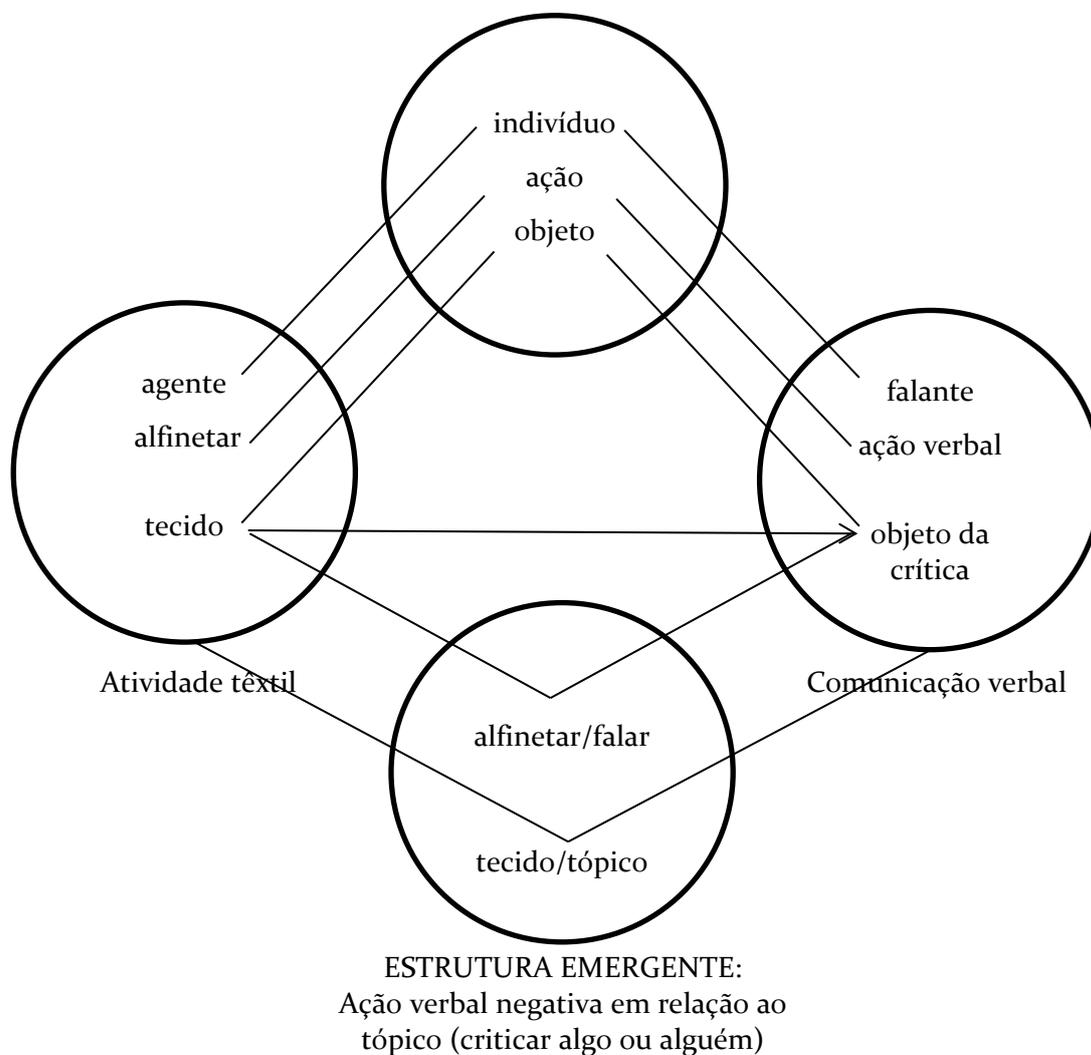


Figura 5 – Mesclagem conceptual referente a ‘alfinetar’.

Outro verbo denominal, que pode ter sentido próximo a *alfinetar*, é o verbo *tesourar*.¹⁶ O exemplo a seguir foi encontrado através da ferramenta de busca Google¹⁷:

¹⁶ O verbo *tesourar* é polissêmico, e pode apresentar o significado de *cortar* ('Ela tesourou seus cabelos'), além de significados metafóricos como *retirar* ('O governo cortou a verba destinada aos estudantes') e *cortar a palavra* ('Ele tesourou o entrevistado alegando falta de tempo')

(14) “- Tiffany sempre se faz de legal e atenciosa na frente das pessoas, mas, na realidade, ela é uma cobra. Não consigo lembrar todas as vezes que ela *tesourou* ou alfinetou alguém. Ela gostava muito de comentar roupas, e sempre dizia: ‘a fulana devia ser presa por usar roupa tão cafona!’

O processo de mesclagem em (14) é semelhante ao descrito para os exemplos (12) e (13), e também pode ser representado pela Figura 5, substituindo-se *alfinetar* por *tesourar* no *input* 1. Em ambos os casos, a estrutura emergente evidencia crítica em relação a algo ou alguém; possivelmente, com uma diferença de grau, em que *tesourar* corresponderia a uma crítica mais forte do que alfinetar.

Outro exemplo de *construal* envolvendo ação sobre tecido diz respeito à expressão ‘cortar a palavra’.¹⁸ Nesse caso, os elementos do *input* 1 são *agente*, *cortar*, *tecido*, enquanto os elementos do *input* 2 são *falante*, *interromper*, *palavra* (referência metonímica a turno de fala). Na mescla, há um falante/agente que interrompe/corta o turno de fala/tecido (do interlocutor).

Os casos discutidos até aqui refletem redes de escopo único, em que o frame do *input* 1, referente à atividade têxtil, estrutura a mescla, de modo que a comunicação verbal é conceptualizada como tecido ou como ação sobre tecido. Vale destacar, entretanto, a expressão metafórica ‘rasgar o verbo’, que não é facilmente caracterizada em termos de um único *frame*. Trata-se, nesse caso, de uma rede de escopo duplo, como será detalhado a seguir.

¹⁷ Acessado em <https://fanfiction.com.br/historia/228921/Cante/capitulo/10/>, em 29/7/2015.

¹⁸ Obviamente, esse exemplo é compatível com cortes de outros objetos que não tecidos (ex. árvores, pão, etc). De qualquer forma, a produtividade da metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL permite que se estabeleça a hipótese de que a expressão reflita essa mesma correspondência metafórica.

O discurso como ação sobre tecido em rede de duplo escopo

A expressão ‘rasgar o verbo’, com sentido aproximado de *reclamar*, ou *expressar raiva e desapontamento*, apresentou uma única ocorrência no corpus NILC/São Carlos (“*Rasgando o verbo*”), mas é facilmente encontrada em *sites* acessados através do Google¹⁹:

(15) Indignado com a postura dos torcedores, Kalil *rasgou o verbo* e cogitou até terminar com o projeto de sócio torcedor do Galo.

(16) Descobri no festival quem era o cara e me surpreendi com a quantidade de críticos que *rasgaram o verbo* contra ele simplesmente por ter saído de um reality show.

Embora a expressão *rasgar o verbo* pareça se comportar, a princípio, de forma semelhante às expressões discutidas nas seções anteriores, uma análise mais detalhada demonstra que a mesclagem conceptual, nesse caso, apresenta especificidades não observadas anteriormente.

No *input 1*, o agente rasga o tecido e, por consequência, o tecido tem sua integridade afetada; no *input 2*, o falante realiza a ação verbal de reclamar a respeito de algo ou alguém. Entretanto, enquanto o tecido é rompido pela ação de rasgar, no *input 1*, não é o verbo/discurso que tem sua integridade afetada na mescla. Isso indica que o que se

¹⁹ Os exemplos (15) e (16) foram acessados, respectivamente, em: http://www.lancenet.com.br/atletico-mineiro/Kalil-socios-acabar-Galo-Veia_0_1180681975.html e <https://palavrasemvertigem.wordpress.com/2013/09/30/rock-in-rio-2013-2-fim-de-semana/>, em 29/07/2015.

herda do *input 1* é apenas a agentividade/intencionalidade da ação de rasgar. A estrutura de evento, por outro lado, é herdada do *input 2*, em que o falante participa de uma interação conversacional. Na mescla, há a produção de um discurso que se caracteriza como uma ação (ato de fala), cujos efeitos podem levar à ruptura das relações sociais entre os participantes da conversa.

Em termos de construção do significado, a expressão *rasgar o verbo* evidencia processo de mesclagem semelhante à expressão *cavar a própria cova*, discutida por Fauconnier e Turner (2002). Por integrar elementos e estrutura tanto do *input 1* quanto do *input 2*, a expressão metafórica *rasgar o verbo* é um caso de mesclagem de duplo escopo, em que a produção de sentido emerge de *frames* organizadores potencialmente conflitantes, cuja integração desafia a imaginação e resulta em uma mesclagem altamente criativa.

Considerações finais

Este trabalho enfocou a metáfora COMUNICAÇÃO VERBAL É ATIVIDADE TÊXTIL no português brasileiro, evidenciando que a Metáfora do Conduto, tradicionalmente descrita na literatura, não é a única possibilidade de conceptualização metafórica da comunicação verbal.

Dentro dessa perspectiva, o tratamento da comunicação verbal como atividade têxtil pôde ser descrita a partir de dois tipos de *construals*. No primeiro caso, o discurso é concebido como tecido (exs. *alinhavar/costurar/tecer/tricotar um acordo*); no segundo, o discurso é conceptualizado como ação sobre tecido (exs. *alfinetar/tesourar*

alguém; cortar a palavra). Em ambos os casos, o que se verifica é o estabelecimento de uma rede de escopo único em que o *frame* do *input* 1 (atividade têxtil) estrutura a mescla.

Por fim, a análise enfocou a expressão metafórica *rasgar o verbo*, que tem a vantagem de destacar que a correspondência entre dois domínios, inicialmente estabelecida no tratamento da metáfora, pode ser insuficiente para dar conta de determinados tipos de metáforas. O exemplo tem a vantagem de esclarecer que a mesclagem conceptual, envolvendo quatro domínios, permite maior generalização no tratamento do fenômeno metafórico ao ser capaz de lidar tanto com redes de escopo único quanto com redes mais avançadas, de duplo escopo.

Referências

BLACK, Max. *Metaphor: proceedings of the Aristotelian society*. Willey-Blackwell, 1955.

_____. *Models and metaphors: studies in Language and philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1981.

DANCYGIER, B. & SWEETSER, E. *Figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994,

_____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual integration networks. *Cognitive Science*, 22:2, p. 133-187, 1998.

_____. Compression and global insight. *Cognitive Linguistics*, 11: 3-4, 283-304, 2000.

_____. *The way we think; conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, L & PINHEIRO, D. Ponto de vista, mesclagem e contrafactualidade; da narrativa cotidiana a um poema de Drummond. *Revista Idioma* 27. Rio de Janeiro, Uerj, p. 27-39, 2014.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. *Philosophy in the flesh; the embodied mind and it's challenge to the western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar; descriptive applications*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

NUNBERG, G. *The pragmatics of reference*. Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club, 1978.

_____. The non-uniqueness of semantic solutions: polysemy. *Linguistics and Philosophy* 3.2, 1979.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In ORTONY, A. (ed.), *Metaphor and thought*, 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 164-201, [1979]1993.

RICHARDS, I. A. *The philosophy of rethoric*. New York, NY: Oxford University Press, 1936.

TURNER, M. *The origin of ideas; blending, creativity and the human spark*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

Recebido em 16/09/2015. Aprovado em 15/10/2015.